

A Dramaturgia Feminina Nordestina e Sertaneja: o espetáculo *candeia*

Mariclécia Bezerra de Araújo (UDESC)¹

Brígida Maria de Miranda (UDESC)²

RESUMO

Sente-se ao longe cheiros de ervas, de velas queimando; de rezas em cânticos que nos fazem sentir uma candura de bênçãos. É noite, mas a luminosidade que se vê atravessa trevas e rompe silêncios. Nisto, aos poucos, percebemos um poder revolto matriarcal; pois quatro mulheres nos recebem em seu lar, nos levando em sonhos, por meio de histórias ao universo do resgatar almas. *Candeia* é luz, guia e caminho, é um sublime feminino que se expande, pedindo licença pra lhe benzer com as forças da mata, das ervas e da fé. Este pulsar de corações nos acende antigas chamas, porque somos levadas a acessar nosso sagrado. Esta comunicação é uma reverberação de um trabalho teórico prático de minha pesquisa de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT/UDESC/SC), vivida dentro de um grupo intitulado *Estação de Teatro* do Rio Grande do Norte/RN. Nele, descrevo as formas de uma escrita feminina sertaneja imersa em um processo feito somente por mulheres seridoenses, dando vida ao espetáculo chamado *Candeia*. Desta forma, percebi o quanto foi significativo vivenciar esta experiência, mediante os princípios da sororidade; das abordagens do feminismo, e da parceria entre mulheres de teatro.

PALAVRAS CHAVE:

Dramaturgia Sertaneja; Feminismo; Espetáculo.

¹Artista docente, professora de Arte, graduada em Letras (FIP/PB), mestre em Linguagem em Ensino (UFCEG), graduada em Teatro (UFRN/RN) e doutoranda em Teatro (UDESC/SC). Email: clerisrn1@hotmail.com

² Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina, graduada em Educação Artística pela Universidade de Brasília (1993), Mestre em Artes pela University of Exeter (1995) e doutora em filosofia pela La Trobe University (2004). Email: brigidaudesc@gmail.com

ABSTRACT

There is a smell from far of herbs, of burning candles; of prayers in canticles that make us feel the candor of blessings. It's night, but the luminosity we see crosses through darkness and breaks silences. In this, we gradually note a troubling matriarchal power; because four women welcome us into their home, taking us into dreams through stories to the universe of rescuing souls. Candeia is light, guide, and path. It is a sublime feminine thing that expands, asking permission to bless you with the forest, herbs, and faith forces. Such beating of hearts lights ancient flames in us because we are led to access our sacredness. This communication is a reverberation of a practical theoretical work from my doctoral research by the Post-Graduate Program in Theater (PPGT/UDESC/SC), lived within a group named Estação de Teatro do Rio Grande do Norte/RN. In this reverberation, I describe the forms of a female country writing immersed in a process made only by women from Serido. It gives life to the show called Candeia. Therefore, I realized how significant it was to live this experience through the sorority principles, the approaches of feminism, and the partnership among theater women.

Keywords:

Country Dramaturgy; Feminism; Spectacle.

A consagração do lar

Há quatro mulheres em cena, elas estão realizando um ritual de limpeza energética no espaço, que sempre acontece de madrugada, enquanto todos na vizinhança dormem. Num recanto, uma delas começa a entoar uma melodia alta, sacralizando mais forte as forças ocultas daquele lugar. O som se expande, e as outras se juntam a ela no centro, começando uma cantoria sagrada, de uma melodia onírica, inquietante para quem ouve e emocionante para quem a ela se entrega.

Música: Folha Santa

*Peço licença pra essa casa benzer.
Permissão e proteção pro que agora eu vou fazer (Repete 2X vezes)*

*Defumo essa casa pros trabalhos começar.
Afastando a maldade para cura aqui chegar (Repete 2X vezes)*

*Com muito amor e alegria,
vamo queimar folha santa pra limpar as energia. (Repete 2X vezes)*

*Com a força da mata, das ervas, da fé.
A cura é bendita pra quem vier (Repete 2X vezes)*

*No fogo, na terra, na água, no ar
Abençã de Maria, Jesus e orixá... (Repete 4X)*

*No fogo, na terra, na água, no ar
Abençã de Maria, Jesus e orixá... (Repete 4X³)*

Uma a uma começam a falar embaladas pela energia da música.

Queiliane: Essa casa é de paz, de amor, de comunhão. Pela força do espírito santo, e de Jesus Cristo, na reza e na cantoria, eu os abençoo em nome de Deus e da Virgem Maria.

*No fogo, na terra, na água, no ar
Abençã de Maria, Jesus e orixá... (Repete 4X)*

Formosa: Salve reis, salve espíritos, salve amados caboclos, saluto proteção e amparo. Que vossas bênçãos possam chegar a nós como as águas cristalinas, fortes como os

³ A música foi feita durante os laboratórios pelas atrizes.

ventos bravos, concretas como a terra e suas antigas rochas, e que iluminem nossos caminhos com as chamas do fogo antigo, protegendo-nos com sua força e bravura.

*No fogo, na terra, na água, no ar
Abena de Maria, Jesus e orixá... (Repete 4X)*

Arlinda: Guia de luz, me ajude; me leve pela fé, não me desampare. Me alivia o sono, e me deixe perdoar os outros. Que eu possa seguir no rumo certo. Não me apague a esperança, quero ser luz nesta jornada humana.

*No fogo, na terra, na água, no ar
Abena de Maria, Jesus e orixá... (Repete 4X)*

Carmelita: Salve as forças da natureza. Pai Oxalá, pai bondoso e misericordioso, meu pai das colinas, olhai por nós. Ó Divino Mestre, me deixe apoiar em vosso cajado de esperança, que vosso Manto Sagrado possa me proteger com vossas bênãos e benevolências. Dance e deixe sair essa tristeza. Solte seu espírito.

*No fogo, na terra, na água, no ar
Abena de Maria, Jesus e orixá... (Repete 4X)*

Hoje é dia de reza, de cânticos e orações!

Existem mulheres esquecidas pelo tempo dos humanos, àquelas que murmuram dizeres de um lado para o outro, totalmente desconhecidos; saberes originais, advindos da sabedoria anciã. Elas são curandeiras, feiticeiras, mulheres sábias, candeias, matriarcas. Neste espetáculo, quatro mulheres arrumam o espaço sagrado de sua casa para receber pessoas, a fim de ajudá-las, dando-lhes paz, proteção e prosperidade. Elas limpam o chão, defumam a casa, ascendem velas, cantam, se divertem e trazem a alegria para o lar.

Candeia é luz, guia e caminho. É chama antiga que trás de volta a força de um feminino velado, que consagra e abenoa.

A escrita que perpassa este artigo é o trecho inicial do espetáculo *Candeia*, do qual fui convidada pelas mulheres do Grupo Estação de Teatro⁴ de Natal/RN a escrever

⁴ O *Grupo Estação de Teatro* é um grupo formado por quatro integrantes: Rogério Ferraz, Nara Kelly, Caio Padilha e Manu Azevedo, além de seus colaboradores, Ananda Krishna, Giovanna Araújo, Bobox produções, e Davidson Lacerda. Surgiu na cidade de Natal/RN com uma pesquisa voltada para a contação de histórias e atua no ramo teatral há mais de 20 anos.

a dramaturgia. Foi um projeto patrocinado pela Lei Aldir Blanc e teve como princípio norteador as questões do feminino ancião.

Para a construção desta dramaturgia comecei a participar dos laboratórios do grupo Estação em janeiro deste ano. Éramos sete mulheres ao todo: Titina Medeiros de Acarí/RN, Nara Kely de Jardim do Seridó/RN, Múcia Teixeira de Caicó/RN, Manu Azevedo de Ouro Branco/RN, Eu - Cléo Araújo de Parelhas/RN. Giovanna é filha de pais seridoenses, e uma potiguar, chamada Ananda Krishna.

Meu encantamento inicial com grupo foi com o cuidado essencial umas com as outras. As mulheres do grupo Estação de Teatro se conheceram fazendo teatro há mais de 20 anos; e estão sempre juntas – na amizade, nos amores, nas desavenças, nas tristezas, nas alegrias e nos trabalhos. São como uma família, inseparáveis.

Assim tudo se reverberou de forma contínua, devido estarmos nos desafiando, apostando todas as fichas em algo que queríamos muito fazer. A única certeza delas era não sair da perspectiva da contação de história. E nisso, elas me deram os pressupostos do ato de narrar, são eles:

Em um primeiro momento: *Era uma vez...*
Em um segundo momento: *Um dia...*
Em um terceiro momento: *E aí...*
Em um quarto momento: *Então...*

Dentro desta categoria de narração eu fui me dedicando a entender os caminhos que isso me oportunizou. Um deles era o fato de estar aprendendo a estar junto, opinando, dando dicas, e ouvindo os comentários sobre os pequenos textos que levava para a discussão em grupo. Um deles foi feito a partir de uma experiência que fizemos com um escalda pés, e senti muitas sensações, tendo em vista que estava dentro, me permitindo viver aquilo. Ao olhar as mulheres em círculo, envolvidas naquele ritual, cantando, se lavando, dizendo coisas que sentiam, escrevi:

Os nossos pés estavam banhados em ervas, misturados e unidos pela efervescência do calor da água. Fazíamos parte de um ritual sagrado, e fomos cativadas pelas sensações, e pelas substâncias aromáticas que se espalhavam pelo ar. Os cânticos em coro nasciam de nossos corações; que estavam envolvidos pela nossa ancestralidade e pela magia das vibrações existentes daquele momento. (escritas 18/01/2021).

Elas falavam, cantavam, e eu anotava tudo em meu ser. Deixei registradas as marcas do que mais me tocou, e foi um momento inesquecível. A partir disto fui escrevendo coisas que me vinham quando estava com elas, porque até então, não tínhamos ideia do que íamos fazer. É o que acontece quando mulheres se unem para fazer teatro, surgem inquietações, questões de uma ordem superior, mais sensível, cuidadosa, e esteticamente, detalhistas em todos os sentidos.

Quando cheguei junto às mulheres do Grupo Estação, eu já trazia uma energia voltada para o processo da escavação das mulheres do Seridó/RN⁵. Fazia um ano que eu escrevia a minha tese em forma de escrita performática sobre as minhas ancestrais, os mitos e lendas de origem das guerreiras antepassadas. Ao falar delas para as atrizes, elas acessaram histórias das avós, das bisavós, do que as mães contavam e do que elas viveram no sertão.

Portanto, compreendi que essas mulheres queriam se desenterrar de alguma forma. Ao nos desenterrar neste processo, estávamos desencantando nossas ancestrais, as que foram esquecidas, perdidas na história do tempo e espaço seridoense. Somos tanto mulheres do sertão, quanto descendentes delas, e atingimos uma força antiga que nos pertence, mas ficamos sem saber que caminho seguir, porque privilegiamos viver este momento, debruçadas nas imagens que nos chegavam pelo viés da magia ancestral. E foi assim que tudo começou: com o desejo de se libertar das amarras que o teatro patriarcal havia imposto. Eu as vi crescer, como árvores, e elas cresciam com uma rapidez exagerada, sem medo de se descobrir gigantes, cresciam sem parar, transformando-se em senhoras frondosas, cheias de ar, espaçosas e sábias.

A mulher move transformações e torna-se a senhora de sua própria lareira. Ao chegar a mais profunda de sua natureza, lá, onde nada se decifra, ela desvela-se e revitaliza o seu sagrado. Mergulhar em si mesma; chegar ao *Rio Abajo Rio*⁶ escavar o terreno interior da alma foi relevante para as atrizes, porque elas escolheram falar dessa profundidade, de como ir, ao mais profundo de si, nos desperta, e nos instiga a levar

⁵ Meu projeto de doutorado é sobre, também, as mulheres do sertão do Seridó/RN que existiram em épocas distintas, importantes para a construção histórica e cultural sertaneja. Registrei assim, uma história outrora velada das três principais etnias femininas que viveram no Seridó/RN: indígenas, africanas e europeias. Como mulher sertaneja que hoje decifra na invisibilidade das sombras as histórias perdidas no tempo e na vastidão das memórias, no meu caldeirão dramaturgico, me desafiei e escrevi uma dramaturgia intitulada *Seridó Revolto* (2021).

⁶ “Cada mulher tem acesso potencial ao *Rio Abajo Rio*, esse rio por baixo do rio. Ela chega até ele através da meditação profunda, da dança, da arte de escrever, de pintar, de rezar, de cantar, de tamborilar, da imaginação ativa ou de qualquer atividade que exija uma intensa alteração da consciência. Uma mulher chega a esse mundo-entre-mundos através de anseios e da busca de algo que ela vê apenas com o cantinho dos olhos” (ESTÉS, 2014, p. 26).

esse poder a outras mulheres. Elas queriam que outras mulheres sentissem o que elas estavam sentindo, e por isso, escolheram para ser narrado durante o espetáculo, o conto *Pele de Foca, Pele de alma* encontrado no livro *As Mulheres que correm com Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2014), porque ele se refere à busca de uma mulher por sua pele, ou seja, por sua alma.

O envolvimento nos levou a separar trechos da obra; partes que nos afetou, que nos marcou, porque toda passagem do conto levava as nossas próprias histórias. *Pele de foca, Pele de alma* fala de nós, das nossas mães, avós, primas, irmãs, vizinhas, companheiras, das que não conhecemos, e das que virão. Somos sagradas porque almejamos alcançar o incomum, desejamos voltar ao lar da alma, foi por isso que esse conto se tornou o próprio espetáculo.

Música: Pele da Alma
O peixe mesmo na rede
Ainda carrega o cheiro do mar
A verdade da sua alma
Ninguém pode lhe tirar.
Mesmo que você corra
Tentando fugir
Quando você parar
*Sua alma é quem vai surgir.*⁷

Comecei então, durante dos laboratórios, a jogar ingredientes seridoenses dentro das propostas dramáticas, ativando o lado sertanejo que elas tinham, e elas iam gostando; às vezes não dava certo; e tinha que repeti o preparo. Em dias como estes, nós nos conectávamos a intuição e realizávamos uns rituais e umas bruxarias.

As atrizes selecionavam, também, imagens de velhas, de ervas, de caldeirão, de bruxas, de mulheres ao redor de fogueiras, de velhas cozinhando, fazendo arranjos de flores, rindo e dançando. No caso específico delas, após terem entendido como seria o espetáculo, se envolveram com essas imagens, buscando as que mais alimentavam suas figuras.

⁷ Música: Ananda Krishna.

Segundo as atrizes as imagens ampliavam o poder criativo, ajudavam a se conectar mais com o processo, as envolvia de forma mais concreta, e fortificavam as relações delas com as personagens. “[...] as imagens se tornam portais de conexão com o nosso inconsciente, e ao escolher uma imagem para trabalhar, o performer se conecta com o sentido oculto dela, reativando uma memória ancestral” (HADERCHPEK, 2021, p. 49). Cada atriz em seu íntimo sabia que essa memória era reativada, sempre que selecionava uma imagem. É importante entender que o estudo com as imagens não definem o arquétipo, pois é por meio da relação da atriz com a imagem selecionada que ela poderá revelar “um conteúdo inconsciente, um aspecto primitivo do ser, e quando isso acontece, ela se torna uma imagem arquetípica” (HADERCHPEK, 2021, p. 53).

As inferências das atrizes sobre o que pensavam quando acessavam as energias das velhas e as formas como se lembravam de suas antepassadas as fizeram acessar e a criar suas imagens arquetípicas⁸. As atrizes são apaixonadas por suas personagens, porque cada uma trás algo que as simbolizam, traços carismáticos inerentes às mulheres fortes e simples do sertão, de vidas duras, frágeis, muito perpetuadas na fé e no amor.

Na memória de cada atriz, há uma senhora que a rezou na infância através do poder da fé, da cura, e da oração. Cada uma enxergou o espetáculo *Candeia* como uma experiência propícia ao cuidado, à sororidade, ao afeto. Somente assim, se entendeu a potência das cenas, das conquistas que cada uma realizava ao acreditar em sua personagem. As lembranças às levaram a muitas histórias, e todo esse recordar nostálgico abriu um portal durante os jogos de improviso. Todos os jogos as levavam a um único lugar - a cozinha. Cantavam nela, cozinhavam, bebiam, contavam histórias, faziam porções mágicas, dançavam e acendiam o fogo. O fogo era um elemento primordial na criação dessas mulheres, pois tudo começava quando ligavam o fogo e colocavam o caldeirão em cima. “O fogo é assim, um fenômeno privilegiado capaz de explicar tudo. Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo” (BACHELARD, 1994, p. 11).

Desta forma, fomos indo de encontro a tudo que nos foi chegando pela via do imaginário: nossas bruxas interiores, nossas palhaças, velhas arengueiras, deusas que cantavam e tocavam; brincadeiras antigas, meninas enxeridas, tudo se tornava ação e se reverbera em texto. Optamos por deixar o conto na íntegra, adaptando apenas algumas

⁸ Michel Vanny Adans, no *Manual de Cambridge para Estudos Junguianos* (2002, p. 111) afirmou que o psicanalista Carl Gustav Jung distinguia que, arquétipos são “formas inconscientes destituídas de qualquer conteúdo específico”, e que “imagens arquetípicas” são os “conteúdos conscientes destas formas”.

palavras para o nosso sotaque. No espaço dos ensaios, colocamos uma mesa, e a partir dela, criamos as ações.

Nesta busca, a primeira cena ficou a mercê da preparação: limpar a casa e selecionar os feitiços de paz, de amor, de prosperidade, encanto, desencanto, queimação, despacho. A segunda cena; seria a contação do conto *Pele de foca, pele de alma*, e o espaço sugerido para ambas às cenas, seria a cozinha. É importante falar que essa proposta estava condicionada ao modelo online devido à pandemia, neste caso, teríamos cerca de 30 minutos para executar a proposta do espetáculo. Assim, o processo criativo teve muita sintonia consigo mesmo, com a ancestralidade e com os improvisos. Toda a criação foi feita a partir da intuição e da conexão umas com as outras. A partir delas, criou-se a dramaturgia e todo o resto do espetáculo.

Essas questões e definições são importantes para situarmos o tipo de teatro que estamos vivenciando, principalmente, se ele é feito somente por mulheres. Em nosso processo, queríamos acima de tudo, estar juntas, dialogando sobre o projeto e sobre o andamento do mesmo. Para as mulheres do grupo, estávamos vivendo algo muito maior que só defini-lo enquanto feminista.

Houve assim, um empoderamento dentro do grupo, o gênero feminino foi posto em jogo para desvendar o viés do trabalho. O desafio foi enorme, tendo em vista termos trabalhado e criado o espetáculo em apenas 45 dias. Acreditamos que fizemos algo voltado para o teatro feminista porque privilegiamos questões inerentes ao ser mulher. Mesmo sem saber do que falaríamos, a união nos levou até a figura da velha que, rir, reza, dança, canta, conta história, ama e é amada. Para as atrizes as questões surgiram porque estávamos juntas, se voltando sempre para a colaboração, para o cuidado, para ajudar umas as outras.

Encerro este artigo com a última fala do espetáculo de Dona Queiliane.

Queiliane: Bendito seja aquele que resgata seus tesouros nas profundezas de si. Bendita seja aquela que se reabastece na luz de sua própria natureza, pois todo ser que alumia seu os caminhos, não perde alma, não perde relva, vive em brasa quente, tem coração puro, é forte e valente.



Imagem 1: Espetáculo “Candeia”⁹ 2021.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Michel Vannoy. **A escola Arquetípica**. In YOUNG-EISEDRATH, Polly & DAWSON, Terrence (org.). *Manual de Cambridge para estudos junguianos*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **As Mulheres que Correm com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

_____. **A Ciranda das Mulheres Sábias: ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem**. Tradução Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

HADERCHPEK, Robson. **O Teatro Ritual e os Estados Alterados de Consciência**. São Paulo, Giostri: 2021.

⁹ Foto: Brunno Martins. Designer gráfico: Rita Machado; Marketing: Talita Yohana.